

PROFESSOR E PODER NA CONTEMPORANEIDADE: A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NAS RELAÇÕES DE TRABALHO

ROGER MARCELO MARTINS GOMES*

GT 4 - TRABALHO E TRABALHADORES EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO: MEMÓRIAS, HISTÓRIAS, VIVÊNCIAS

Resumo: Buscamos apresentar neste estudo como os professores no início deste século constroem sua subjetividade nas relações de poder no campo do trabalho. Partimos da conceituação de duas categorias básicas para este estudo: organização e poder. Utilizamos como técnica entrevistas psicológicas e semidiretivas com professores de Ensino Médio de Escolas Particulares e a abordagem dos dados e conteúdos deram-se numa perspectiva sociomental e dialética. Identificamos que na especificidade de seu trabalho, os professores, constituem-se como sujeito sofrente que acaba enfrentando seus limites e desejos mais profundos e inconscientes, como o medo da perda e o desejo de ser reconhecido e amado.

Palavras-chave: Professor; Poder; Contemporaneidade; Subjetividade.

Abstract: We present in this text as teachers at the beginning of this century construct their subjectivity in power relations in the field of work. We start with the concept of two basic categories for this study: organization and power. We used the technical and psychological interviews with teachers semidiretivas High School Private Schools and the approach and content of the data gave a perspective sociomental and dialectic. We identified that the specificity of their work, teachers, constitute a subject suffering part that ends up facing their deepest desires and limits and unconscious, as the fear of loss and desire to be recognized and loved.

Keywords: Professor; Power; Contemporary; Subjectivity.

Introdução

No limiar do século XXI encontramos na realidade das Instituições Privadas de Ensino, em especial nas Escolas Particulares de Ensino Médio, uma relação paradoxal vivida por seus professores. Ao mesmo tempo que estão sujeitos a exploração, dominação e controle exercidos pela organização, esses profissionais manifestam uma relação prazerosa com o seu trabalho.

Os professores das Escolas Particulares comparados aos da Escola Pública poucas vezes estiveram no foco das investigações científicas. A maior parte dos estudos e debates sobre as condições de trabalho do professor foi sobre o sistema público de ensino, o que torna relevante pesquisas que ampliem os horizontes de análise sobre o sistema de ensino brasileiro (GOMES, 2005, p.10). Considerar as transformações na educação brasileira, como, por exemplo, o avanço do ensino privado no início deste século XXI, é uma

* Professor Mestre de História Contemporânea da Universidade do Sagrado Coração - USC

realidade que passa a exigir maior reflexão dos estudiosos sobre a ação do profissional da área, sobre suas práticas enquanto cidadãos e até sobre sua constituição como sujeito.

Para atender os objetivos específicos desse estudo buscamos, a partir dos estudos de Gomes (2005), analisar as formas de poder que se desenvolvem nas Escolas Particulares neste início de século para, em seguida, demonstrar como nas relações de poder destas instituições, o professor se constitui como sujeito, destacando as estruturas inconscientes modeladas pelas organizações escolares e como estas estruturas inconscientes se enxertam nelas.

Neste estudo procurou-se, portanto, descrever como o professor, enquanto indivíduo que constrói sua subjetividade, suas emoções e suas paixões, procede diante das relações de poder que se processam no seu campo de trabalho - as Escolas Particulares.

Revisão Teórica

Entendemos que as Escolas Particulares são fenômeno organizacional, empresas que no início deste século tem objetivos claros definidos na lógica do capital. As Escolas Particulares são organizações, mas não uma organização qualquer, possui especificidades que devem ser consideradas, uma vez que seu “produto” é a educação, para tanto buscamos definir primeiramente o conceito e os mecanismos de organização e partimos de posições que definem a organização como práticas de relações sociais no campo do trabalho.

Segundo Chauí (1994), a organização surgiu a partir dos anos 30 do século XX, quando houve uma mudança no processo social do trabalho que iria se espalhar por toda a sociedade e as relações sociais. “Organização é uma administração científica racional que possui lógica própria e funciona por si mesma” (CHAUI, 1994, p.103). Esta autora nos dá uma conceituação introdutória e geral sobre organização.

Em Tragtenberg (1978), também encontramos a relação escola-organização. Para ele, a escola é uma organização complexa que tem o papel na sociedade de conservar a estrutura do poder e da desigualdade social, operando sobre os corpos dos indivíduos. Mas é em Pagès et. al (1987), estudiosos das organizações modernas e hipermodernas, que encontramos o conceito básico para este estudo, segundo ele:

A organização é um conjunto dinâmico de respostas a contradições. É realmente um sistema, mas um sistema de mediações que só pode ser compreendido pela referência à mudança das condições da população e das contradições entre os trabalhadores por um lado, a empresa e o sistema social, do outro. (PAGÈS et al., 1987, p.31)

O poder opera nas organizações, segundo estes autores, através de um processo de mediação, introjeção das contradições e consolidação ideológica. A mediação é um processo que se coloca como aliança das restrições a vantagens oferecidas ao indivíduo. Os privilégios funcionam como um terceiro termo que vem ocultar a contradição entre o os objetivos da empresa, o do sistema capitalista e os objetivos do trabalhador. A contradição é transformada e introjetada pelo indivíduo, pela política da organização. Este processo é consolidado pela produção de uma ideologia que oferece uma fonte suplementar de satisfação ao indivíduo, dando um valor à sua experiência, reforça os termos positivos do conflito psicológico angústia-prazer, impedindo-o de irromper em um conflito externo.

Conceituamos o poder como uma relação de forças como propõem Lebrun (1995) em *O que é poder*, Srour (1998) em *Poder, cultura e ética nas organizações* e, Foucault (1979) em *Microfísica do poder*. Para este último autor, por exemplo, o poder é a instância

que constitui os indivíduos ao dobrá-los a suas pedagogias disciplinares, exerce-se no corpo do indivíduo. Notemos como ele afirma esta idéia:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação: nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 1979, p.183)

Ainda nesta idéia de poder como relações de forças que circulam, recorreremos fundamentalmente à teoria de poder e organização de Pagès et al. em *O poder das organizações*. Assim como Foucault (1979), para estes autores, o poder possui um caráter relacional e ubíquo, isto é, o poder é global. Na sociedade capitalista atual, o poder estendeu seu domínio, segundo estes autores: “Ele está na ordenação do espaço, na distribuição e na produção do saber e da norma, nas engrenagens e regras das organizações e até no inconsciente.” (PAGÈS et al., 1987, p.224)

Em outras palavras, esses autores localizam o poder num espaço que chamam de **sociomental**. “Nós chamamos de espaço sócio-mental um sistema certo de correspondência entre as estruturas psicológicas e as estruturas sociais. O espaço sócio-mental articula entre elas as estruturas econômicas, políticas, ideológicas e psicológicas.” (PAGÈS et al., 1987, p.40).

Buscar compreender as formas de manifestação de poder das Escolas Particulares num espaço sociomental requer, portanto, uma análise que parta do sentido existencial dos limites e desejos do homem, das contradições psicológicas: a confrontação com a morte e a confrontação com sua impotência de amar, que entenda o papel das organizações nas relações de poder como mediadora das contradições subjacentes a diversas estruturas e que utilize a noção de poder como um sistema global e multideterminado.

As organizações seriam, assim, o espaço onde os limites dos indivíduos, como a morte, são transformados em angústia, angústia de morte inconsciente, para, por conseguinte, propor soluções, fazer mediações, sob a forma de modo de investimento psicológico, de tipos de prazer, de sistemas de defesa contra a angústia. Nas organizações, abre-se o espaço no qual os indivíduos poderiam trabalhar coletivamente seus problemas inconscientes mais profundos.

Elas constituiriam uma espécie de sistema gigantesco de defesa coletiva, um gigantesco sociodrama de defesa contra a consciência de morte, um laboratório onde se trabalharia de formas diferentes no tempo, a consciência-inconsciência da morte e ao mesmo tempo todas as formas da relação humana. (PAGÈS et al., 1987, p.39)

Neste espaço, os indivíduos não enfrentam diretamente seus limites e desejos. Continuam inconscientes e operados pelas empresas garantindo assim a dominação e exploração sociais, que se encontram nas relações concretas entre indivíduo e organização. É neste processo que as organizações retiram parte de seu poder, a partir do momento que trazem respostas às contradições psicológicas individuais e interindividuais.

A organização interfere nas relações de trabalho, incentivando ou estancando conflitos entre os pares ao sabor de seus interesses e poder, mas para o indivíduo, o reconhecimento pelo seu trabalho, condição para a conquista da identidade, permite

relativamente ao sujeito conjurar sua angústia e dominar seu sofrimento: “não esqueçamos de que o prazer obtido dessa gratificação é de curta duração e que o sofrimento ressurgue, impelindo o sujeito para outras situações de trabalho, novas apostas organizacionais e novos desafios simbólicos.” (DEJOURS, 1996, p.159). E como confirmam Pagès et al.(1987, p.165):

O prazer da realização em grupo, da produção em equipe, do reconhecimento pelos outros, do auxílio mútuo e da solidariedade, não podem ser completamente eliminados, pois são inseparáveis de uma produção coletiva, são apenas desvalorizados e subordinados.

Se como dizem os autores, o reconhecimento e a solidariedade não podem ser completamente eliminados, a organização consegue, mesmo assim, transformar o prazer dos indivíduos não na satisfação dos seus colegas, seus clientes e mesmo de seus chefes, mas na sua própria satisfação, subordinando assim o indivíduo a favor de seus interesses. Portanto, mediando aspectos mais profundos dos sujeitos, e estes tornando-se efeitos e reprodutores da organização, as relações de poder manifestam a sua característica mais fantástica no Sistema Capitalista Neoliberal, penetram nas esferas privadas, nos ideais, nos valores e nas estruturas da personalidade.

Metodologia

Nosso trabalho se pautou no paradigma da pesquisa qualitativa para entender como indivíduos construíram sua experiência, sua afetividade no campo do trabalho. O psicossociólogo Gaulejac (2001) propõe que para pensar a questão do sujeito é preciso inscrevê-lo numa dupla determinação: a social e a psíquica que se influenciam reciprocamente.

Se o indivíduo é o produto de uma história, esta condensa, de um lado, o conjunto dos fatores sócio-históricos que intervêm no processo de socialização e, de outro, o conjunto de fatores intrapsíquicos que determinam a sua personalidade... Se esses fenômenos são ligados entre si, se eles se influenciam reciprocamente, eles não são totalmente autônomos. (GAULEJAC, 2001, p.41)

O material de estudo se baseou nos relatos analisados por Gomes (2005) sobre oito professores de Ensino Médio de escolas particulares, buscou-se o histórico de vida na formação escolar e a situação de trabalho, obtidos por meio de entrevistas semidiretivas de caráter psicológico para a coleta de dados. Para a análise dos dados buscou-se uma abordagem pluridimensional de perspectiva dialética. Os professores entrevistados foram:

Tarsila, 60 anos, formada em Letras Anglo-Germânicas, aposentada da Rede Pública Estadual, trabalha há 27 anos em escolas particulares. Bop, 36 anos, formado em Letras e Educação Artística, além de ministrar aulas de redação no Ensino Médio, no infantil atua com educação musical. Milton, 44 anos, formado em Geografia e História. Trabalha na Rede Pública Estadual e há 15 anos em escolas particulares. Lavosier, 38 anos, formado em Química. Trabalhou na Rede Pública 5 anos e está 10 anos em escolas particulares. Isaac, 54 anos, formado em Física, Matemática e Engenharia Elétrica. Trabalha há 20 anos em escolas particulares.

Mendel, 36 anos, formado em Biologia, trabalha há 10 anos em escolas particulares. Ananda, 46 anos, formada em Física e Engenharia, trabalha há 15 anos em escolas particulares. Ísis, 43 anos, formada em Letras Vernáculas, trabalha há 18 anos em escolas particulares. (GOMES, 2005, p.18)

A entrevista psicológica é um instrumento, uma técnica de investigação que possui procedimentos ou regras empíricas com as quais se aplicam e verificam o conhecimento científico. “A entrevista psicológica objetiva o estudo e a utilização do comportamento total do indivíduo em todo o curso da relação estabelecida com o técnico, durante o tempo em que essa relação durar.” (BLEGER, 1989, p.6).

Resultados e Discussão

No plano de análise das entrevistas, o primeiro passo foi buscar a relação entre o histórico de vida do professor entrevistado e sua formação escolar. Encontrou-se dois apontamentos que ressaltaram essa relação: a reedição do conflito angústia e prazer e a satisfação prazerosa pela área de conhecimento que escolheu para estudar.

A evocação e reedição do conflito angústia e prazer está, segundo Gomes (2005), na insegurança e medo que a nova realidade pode gerar: a perda do conforto do lar e das brincadeiras. Mas, a o que chama a atenção é que a fonte mais angustiante nesta nova realidade é a regra, o limite e a coerção por meio do conteúdo ensinado. Vejamos o que diz um dos entrevistados de Gomes (2005, p. 57):

Naquele momento principal eu tinha muita influência dos meus pais [...] então isto me levou aos estudos e de formação já voltada na área de educação. Agora o conteúdo, era um conteúdo da época militar, por ser militar era aquele conteúdo programado, eu me lembro muito disto, era bem restrito [...] Nós éramos informados, não adquiri o hábito de ser, de contextualizar o meu aprendizado[...] Gostava da escola e do ambiente, mas não de estudar porque não me dava prazer. (LAVOSIER)

Percebemos neste relato como o poder se manifesta na relação entre a escola e a criança, operando a situação angústia e prazer, interferindo assim na sua construção como sujeito. Mas um outro apontamento durante a formação escolar foi, para os entrevistados, a descoberta da afinidade com uma área do conhecimento que interferirá no percurso de sua vida. Uma descoberta que lhes trouxe satisfação e prazer, dando-lhes condições para continuar a sua formação universitária e se definir na vida profissional. É o que demonstra, um outro entrevistado de Gomes (2005, p.60):

Minha porta para linguagem do mundo da escrita foi o Walt Disney [...] mas eu li muito, depois comecei a ler lógica, literatura infanto-juvenil, nunca mais parei de ler [...] Peguei a fase ruim dos cursos profissionalizantes, um lixo de Ensino Médio, naquela época colegial, mas a minha sorte é que eu sempre fui um amante da língua portuguesa, então se eu estivesse estudando na melhor escola do Brasil, ou na pior, talvez a minha formação não mudasse muito porque sempre fui apaixonado pela leitura, sempre li demais, fui bom aluno de língua portuguesa. [...] Passei em todos os vestibulares que eu fiz, passei porque ia bem nas provas, lia muito, então ia bem nas provas de Conhecimentos Gerais, Português, Redação e também não queria grandes coisas. Passei

em Letras e Educação Física porque sempre fui ligado em esporte e acabei mesmo optando pelas Línguas. (BOP)

Definida a opção pela área de conhecimento, os entrevistados demonstraram o desejo de atuar, de exercer uma profissão que pudesse exprimir o conhecimento adquirido e apreendido e, principalmente, ser reconhecido pelo seu trabalho. Alguns deles, mesmo se especializando numa universidade que não fosse voltada para a educação, ao assumir o papel de professor ou educador, ressaltaram o prazer pela arte de ensinar, a paixão pela profissão, mesmo com as angústias diante das dificuldades inerentes a profissão. Esta contradição, mantém-se no trabalho pelas relações de poder das organizações escolares.

Para que a angústia não se desdobre em conflito, ela é operada por um sistema de mediações das contradições, ou seja, o poder das organizações escolares se garante de forma mais sutil e sedutora. Este sistema se verifica nas relações econômicas, pela falsa oferta de melhores condições materiais e salariais e estabilidade, nas relações político-administrativas, pela crença no espaço da palavra e na indefinição da autoridade e do mando.

No trabalho, o professor se depara com o poder das organizações escolares que opera de duas formas: por mecanismos coercitivos, repressivos e castradores, como o cumprimento rigoroso às regras e a demissão e, por um sistema de mediações das contradições.

Esta forma dupla e intermediária da organização escolar operar seu poder é a característica que a mantém, que garante seus objetivos como o lucro e o domínio, mas garanti-los apenas de forma coercitiva e castradora os conflitos com o professor seriam intensos, daí uma forma sedutora de sujeição e domínio sobre o professor que se mantém por um sistema de mediações das contradições. Conforme Gomes (2005, p 71), pelo relato de outro entrevistado, constatou-se como a forma coercitiva de poder não é suficiente para sujeitar o professor:

Acho que superestimei a escola particular. Na época, era maravilhado pela propaganda, Escola XX. Então, assim pra mim, eu estando nesta escola era o máximo, eu achava que a escola era o topo, lá em cima, baseado na propaganda. Com o tempo percebi que a coisa não era assim não, não era bem assim não, me lembro que me coloquei na posição inferior da escola, não que seja superior à escola, não era isso, me senti, me coloquei como um ratinho, uma formiguinha diante do monstro e com o tempo fui percebendo que era só fachada, pura fachada! A escola não se preocupou com a formação. (MILTON)

Para este entrevistado, a decepção com a escola particular demonstra a frustração com o papel conservador da mesma, para a qual a formação não importa, o que vale é a educação de mercado, a arte de ensinar torna-se apenas uma mercadoria, assim como o profissional não é valorizado em sua subjetividade. Milton como outros entrevistados, por estas e outras razões, acabou buscando outras escolas particulares. Mendel, por exemplo, aponta os limitados recursos econômicos como razão da procura por outras escolas particulares.

[...] Primeiro que numa cidade do interior, dificilmente você consegue aula pra semana inteira, normalmente numa cidade pequena do interior o número de aula é mínimo, então tem que ir atrás de novas escolas da região, pra ganhar o 'dindinho' no final do mês, só isso (risos). (MENDEL)

Nestes apontamentos de Mendel, se por um lado o fator econômico (dinheiro e receita) é posto como razão primeira para buscar outras escolas, ele nos dá condições, por outro lado, de constatar a cultura que existe no meio escolar de que o professor tem que dar aulas todos os dias em todos os períodos, processo que se intensificou a partir do Regime Militar, como apontou Gadotti (1989):

O regime militar construiu neste país um sistema dual de ensino: o ensino particular e o ensino oficial. Um não pode viver sem o outro. É porque o Estado boicotou a educação e não oferece educação para todos que o ensino particular prospera, rende, se mantém. E é porque se constituiu no país uma vasta rede de ensino particular que o Estado vê-se desobrigado de dar educação para todos e prepara uma elite intelectual para as necessidades de expansão interna do capitalismo. O Estado dá educação superior para aqueles que teriam condições de pagar e o nega para aqueles que não têm condições de pagar. O que não pode pagar paga duas vezes: paga através dos impostos e das mercadorias que consome, e paga igualmente a instituição que lhe fornece a instrução: a educação tornou-se um negócio lucrativo. E nos negócios da educação, os educadores são os proletários explorados. (GADOTTI, 1989, p.126)

É comum, no discurso dos entrevistados, afirmar que a escola particular é uma empresa. Apesar de terem suas especificidades, todas estão voltadas para o lucro e para as circunstâncias do mercado. Por isso, elas possuem uma política, uma gestão autoritária e empresarial.

As escolas particulares têm a política empresarial [...] Autoritária até porque não existe uma política administrativa própria pra escola, não existe[...] Escutam os professores até certo ponto, eu acho que... inclusive pedagogicamente, escutam os professores pedagogicamente até onde isso não interfere na política econômica, entendeu? Quando interfere na política econômica, aí deixa de ser interessante aquilo que o professor diz [...]. (ÍISIS)

Desta forma, podemos situar as escolas particulares, segundo a classificação de Pagès et al. (1987, p.49), como uma organização de gestão tradicional em que a tomada de decisão se dá por via hierárquica, delegada pela autoridade pessoal do chefe.

Mesmo nas organizações escolares que favorecem a descentralização das tomadas de decisões, permitindo o espaço da palavra do professor, o controle das decisões está, em última instância, nas mãos dos dirigentes, de maneira que, como afirma Srour (1998, p.149), “a detenção do poder, que está em mãos dos proprietários, fica dissociada do exercício do poder, concedido aos gestores assalariados.”

Uma outra forma de mediar a contradição mando-obediência pode se perceber no relato de Tarsila, ao trazer um problema do nível econômico (questão salarial) para o nível político (participar das discussões e decisões) impede-se que a contradição desta ordem seja manifestada, garantindo o poder da organização escolar e gerando angústia em si.

O jogo é aberto em algumas escolas, já em outras essa política econômica aí, ah! Não sei! Parece que só fica falando que tudo está tão difícil, os encargos, os impostos, então parece que sempre quer justificar o porquê não está pagando a mais, então a gente nunca fica reivindicando um salário maior, não sei, a gente parece que fica fechado pra isso aí, e não

deslança, eu sinto! Acho que a gente tinha que discutir o econômico [...] o dissídio[...] em algumas é conversado, mas agora outras não, vem, pagam, é isso! E você vai fazendo conta e não bate, se você vai perguntar, não parece que não preenche aquilo que a gente quer saber, e a gente acaba se acomodando, não sei... parece... acho tudo errado isso. (TARSILA)

O interessante que percebemos nesta colocação é que a organização escolar para impedir a participação, as discussões e as decisões recorre à demonstração das dificuldades econômicas devidas ao mercado e à conjuntura do país. Mantendo, desta forma, a centralização do poder, suas restrições econômicas e a sujeição do professor num estado de angústia.

Mais uma outra forma de mediar a contradição no nível político-administrativo é a relação do professor com alguns gestores. O diretor e o coordenador, em algumas organizações escolares pequenas, detêm o poder, uma vez que são proprietários, mas na maioria eles apenas exercem o poder administrativo. Conforme Gomes (2005, p.77), entre possuir e exercer o poder gera-se um ambiente de indefinição que beneficia a organização, criando a seguinte imagem destes gestores:

[...] acho que a coordenadora e a diretora são pessoas que estão ali pra atender... pra na verdade fazer andar a escola, pra escola acontecer, criando um meio de campo entre o professor, administração e alunos, entendeu? As expectativas da direção, do professor e do aluno, é o meio de campo. Pra não deixar a coisa explodir na verdade, entendeu? Pra não deixar o conflito acontecer. O coordenador tem esse papel e o diretor tem o papel autoritário de fazer cumprir, de sancionar ou aprovar determinadas ações, pelo menos é o que eu vejo na maioria das escolas. (ÍISIS)

Numa escola que trabalho a diretora manda, a palavra final é dela [...] na outra não tem nada, coordenadora não tem, a coisa é bem bagunçada mesmo, a escola se sustenta legal, porque tem um corpo docente muito bom, muito experiente que banca [...] numa outra escola que estou atualmente o diretor é perdido, a coordenadora pirada o corpo docente fortíssimo, é ele que leva a escola e conserva inclusive os dois que não tem competência. Porque é muito bom o corpo docente e quem manda nesta é um Conselho, que sabe Deus como é que funciona a coisa, a gente não tem acesso a isso, mas assim as coisas vão mesmo como os professores comandam. (ANANDA)

Nesta diversidade de papéis de diretor e do coordenador, as organizações escolares vão mantendo os professores no quadro de seus interesses administrativos, em algumas situações, como se vê em Ananda, os professores se sentem importantes por estarem assumindo o comando. Entretanto, isso não significa que possuem o poder, uma vez que, como diz a entrevistada, existe um Conselho e os professores não possuem acesso às suas decisões, porém, o seu discurso nos permite perceber o contrapoder, pois há uma contraposição a este poder quando diz “mas assim as coisas vão mesmo como os professores comandam”.

Ainda como forma de mediar a contradição no nível político-administrativo, as organizações escolares se utilizam de justificativas, alegações, pretextos e imposições, condizentes ou não com sua realidade. Por exemplo, o sistema apostilado impede mudanças uma vez que deve ser respeitado para garantir o resultado e o sucesso da escola no mercado; a força dos alunos e dos pais, que como pagantes, devem ser atendidos e não desagradados para não gerar problemas, são questões que nas organizações garantem os professores submetidos às regras, mantendo o funcionamento do sistema.

O mais interessante e novo neste sistema é como o poder circula entre as próprias organizações escolares por meio dos professores, interferindo na sua constituição como sujeito e garantindo o sistema de poder. As organizações se utilizam das experiências dos professores e a favor de seus próprios interesses. Notemos o que diz Ananda a respeito das escolas, quando indagada por Gomes (2005) se as escolas são democráticas e se escutam os professores:

Escutam e inclusive me rodeiam muito pela experiência que tenho de várias escolas, né? Eu levo e trago o tempo inteiro. Então, uma experiência legal aqui, eu bato lá no outro diretor: olha está rolando isso assim, assim. A nossa escola não é igual àquela, mas se adaptar acho que fica legal. Eu vejo implantação de coisa, quer dizer... não é só eu, mas outros levam essas experiências, isso é fantástico! É melhor pra escola e pra gente porque desenvolve uma flexibilidade violenta, porque cada dia da semana é um canal que eu ligo, o canal X por exemplo é essa postura, canal Y é tal, o padrão aula, o padrão professor é o mesmo, pegando daqui e tentando aperfeiçoar. Então o padrão de profissional é sempre o mesmo pra todos. Agora, o esquema é diferente. Os esquemas são diferentes, então a gente tem uma capacidade de adaptar bem melhor. É isso! O diretor que é esperto se aproveita disso, chama a gente pra conversar justamente pra saber de nossas experiências. (ANANDA)

Nas palavras de Ananda, percebe-se as correspondências entre as estruturas sociais e psicológicas, percebe-se como num espaço sócio-mental, o poder circula entre o corpo de sujeito e os interesses das organizações escolares. E o mais específico e importante é que este espaço se constitui no circuito criado pelos professores entre as organizações escolares. Mas, para entender como o poder se desenvolve num espaço sociomental precisa-se buscar como se dão as mediações no nível ideológico e psicológico das organizações escolares.

Nas relações ideológicas, os sistema de mediações, verifica-se pelo desenvolvimento da crença na competência. As organizações escolares assumem a ideologia do próprio Sistema Capitalista como se fosse sua, no caso, a ideologia da competência. Participar de um sistema apostilado, de um conteúdo especializado para o vestibular, da qualidade em eficiência, são alguns elementos propostos pelas escolas particulares. Com estas propostas, elas integram o professor ao seu discurso e às suas práticas. Entretanto, os entrevistados, mesmo defendendo estes elementos, mostraram uma relação contraditória, criticando a este sistema de ensino privado eficaz e que valoriza mais o conteúdo que a formação crítica dos alunos.

[...] Professor de escola particular no Ensino Médio é ser um professor conteúdo, em que você pode exercer muito pouco as suas expectativas em

relação a educação, porque você vai ter que atender às necessidades, principalmente, nas escola particulares, necessidades do sistema, que é o vestibular, visando o vestibular. Como o vestibular é uma prova de conteúdo, então o professor de Ensino Médio, na escola particular, tem que atender essas necessidades. (ÍISIS)

Ensino Médio hoje você praticamente tem que ‘informar’ para os vestibulares, poucos querem se ‘formar’ para fazer o vestibular. Então nós... informar para fazer vestibular... e às vezes eu entro muito em conflito porque eu quero ‘formar’ [...] e a formação é uma coisa demorada, né? (LAVOSIER)

Este sistema de ensino privado, que se propõe como competente, gera resultados como a competição e a insatisfação. Gera a competição em todos os níveis: entre alunos, entre professores e entre as próprias escolas, reproduzindo, assim, a lógica do mercado capitalista.

Nas relações psicológicas, o sistema de mediações, se desenvolve pela ameaça de não exercer a arte de ensinar, de perder a relação com os alunos, de perder a identificação com a organização, reforçando e operando o conflito original angústia e prazer existente nos professores. A partir da idéia de relação dialética entre inconsciente e estruturas sociais, pode-se compreender como as escolas modelam e são modeladas pelas estruturas de impulsos e pelo sistema de defesa dos professores. Esta operação, segundo a teoria adotada neste estudo, é o aspecto mais importante do poder das organizações. Seu domínio está na capacidade de influenciar o inconsciente, ao mesmo tempo que é influenciado, constituindo o espaço sociomental.

Estas mediações econômicas, políticas, ideológicas e psicológicas se correspondem no nível microescolar na medida que há sempre uma relação de oferta e restrição, mantendo o poder das organizações e os professores relativamente envolvidos nos interesses políticos e econômicos delas.

Nas organizações subsiste sempre, uma ameaça objetiva, externa ao sujeito. No caso da escola particular, o professor pode ser demitido no final do ano ou correr o risco de perder aulas. Está ameaça objetiva suscita no psiquismo do sujeito, conforme a teoria adotada, numa angústia psicológica. A organização consegue, assim, conservar o seu poder, bastando que ameace tirar dos professores os favores e o prazer que ela lhes oferece, tais como: a arte de ensinar e a relação com os alunos.

O específico das organizações escolares é que para que esta ameaça funcione, é preciso que aconteça, regularmente, uma ou mais demissões, garantindo assim a sujeição dos professores, mantendo-os em constante insegurança. Nas palavras de um destes entrevistados, fica sintetizado todo o processo de mediações e, a demissão, como o ponto mais alto do poder de uma escola particular e o resultado deste poder no psiquismo do professor.

[...] Essa escola da cidade x que mais me assustou. Já trabalhei em muitas escolas, né? E essa escola X ela... Eu nunca me senti tão vendido, tão fácil para tudo aquilo que eu não acredito e reprovo no mundo ocidental [...] Ela é como se fosse como água e óleo, o positivismo com o humanismo. Não há questionamento, não há debate, não há... e isso ficou muito claro, agora, com a minha saída, que era uma coisa intuitiva na cabeça, estava berrando nos meus ouvidos, olha isso! Mas foi uma experiência riquíssima pra mim, até pra poder explorar na minha vida essas dicotomias, essas nuances, essas contradições. Como é que eu que

tenho tanta paixão pelo humanismo, pelas conquistas, unidas de algumas coisas da Filosofia? Como é que posso trabalhar num lugar que é tão assim voltado para essas coisas belicistas? Como que é isso dentro de mim? Então é uma contradição muito grande. Eu sou filho de militar, eu sou a própria contradição, tive brigas com o meu pai de jogar pratos na parede, então eu sou o extremo da contradição. Ao mesmo tempo que eu prego com a minha arte, com minha música, com a minha palavra, meu poema, eu também prego minha libertação do ser, ao mesmo tempo eu estou tão a serviço da opressão quando eu sou militar, quando eu vou para uma escola que eu sei que é de militar? Vendem a idéia de que vão passar, vão fazer os alunos passarem nas grandes escolas militares do Brasil ou do Mundo, e como é que é isso? Que contradição é essa? A profundidade disso não tem tamanho, eu até não gosto muito de refletir muito sobre isso, porque vou chegar em conflitos insolúveis que vão me deteriorar enquanto energia vital para continuar fazendo o que faço. Então a contradição é o tempo todo mesmo, quando estou trabalhando [...] poderia viver com muito menos e viver melhor talvez, então as contradições são muitas, infinitas, eu sou o próprio emblema da contradição, o todo. Perturbado com esse questionamento, vou levando.

Pelas palavras deste entrevistado, pode-se captar de forma sintetizada as mediações das contradições no campo psicológico. Constata-se, claramente, como o poder se manifesta nas relações entre sujeito e organização. Para ele, as medidas coercitivas – em sua última instância, a demissão – trouxeram à sua consciência as contradições do campo escolar, a identificação de suas próprias contradições. Permitiram a reedição de conflitos internos originadas da formação familiar. Este processo no campo do trabalho, segundo Dejours (1996), permite a construção do sujeito sofrente.

Considerações Finais

Pelas entrevistas realizadas com os professores de Escolas Particulares pudemos perceber como as relações de poder nestas instituições operam na construção da subjetividade garantindo, assim, seus interesses e objetivos enquanto empresa. Podemos entender que, se por um lado as Escolas, enquanto organização, operam na vida psíquica dos professores para a manutenção de seu sistema de poder. Os professores, por outro, também, utilizam-se de forma relativamente eficaz este sistema de mediações na construção de sua subjetividade.

Numa organização castradora e sedutora que reprime ao mesmo tempo integra, os professores se resignam, resistem e se constituem como sujeito sofrente, reativo, vivo e concreto, enfrentando seus limites e desejos mais profundos como o medo da perda e o desejo de ser reconhecido e amado, construindo, assim, sua subjetividade, sua afetividade.

O professor na suas transações com a organização se constitui como sujeito, constrói sua identidade e, estas relações no campo do trabalho, permite uma vivência afetiva, “sob forma de uma emoção ou de um sentimento que não é apenas um conteúdo do pensamento, mas sobretudo um estado do corpo...” (DEJOURS, 1999, p. 29), permite a construção de um sujeito sofrente, reativo e vivo.

Considerar a subjetividade e a afetividade construídas no campo do trabalho, torna-se tão fundamental como entender as condições objetivas que vivem o trabalhador. Permite-nos identificar, por um lado, como as relações de poder se processam e se transformam e, por outro, como o homem constrói a sua própria vida nas relações de trabalho no início deste Século XXI.

Referências Bibliográficas

- BLEGER, J. *Temas em psicologia: entrevista e grupo*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- CHAUI, M. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: Chanlat, J. F. (coord.). *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996. v.1.
- _____. *A banalização da injustiça social*. Tradução Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GADOTTI, M. *Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- GAULEJAC, V. D. Psicossociologia e sociologia clínica. In: ARAÚJO, J. N. G.; CARRETEIRO, T. C. (org.) *Cenários sociais e abordagem clínica*. Belo Horizonte : Fumec, 2001.
- GOMES, R. M. M. **Angústia e prazer nas relações de poder das organizações escolares**. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.
- LEBRUN, G. *O que é poder*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- PAGÈS, M. et al. *O poder das organizações*. Trad. Maria Cecília Pereira Tavares e Sonia Simas Favatti. São Paulo: Atlas, 1987.
- SROUR, R. H. *Poder, cultura e ética nas organizações*. Rio de Janeiro : Campus, 1998.
- TRAGTENBERG, M. A escola como organização complexa. In: Garcia, W. E. (org.). *Educação brasileira contemporânea: organização e funcionamento*. Rio de Janeiro : Mc Graw-Hill do Brasil, 1978.